

## MULHERES NEGRAS: IDENTIDADE, AFETO E A SAÚDE<sup>1</sup>

**Douglas Alves Santana de Aguiar**  
*douglas.aguiar@uscsonline.com.br*

**Fernando Luiz Monteiro de Souza**  
*fernando.souza@online.uscs.edu.br*

**Palavras-chave:** Mulheres Negras, Letramento Racial, Saúde; Afeto E Interseccionalidade

### 1. INTRODUÇÃO

Os movimentos feministas negro europeus baseiam-se em ideias que articulam a identidade de gênero e raça, especialmente interseccionando vários atributos e marcadores sociais das diferenças entre as pessoas. Ao pensar a dimensão da identidade de gênero, podemos considerar a análise de Judith Butler (BUTLER, 2020), que nos convida a entender que ao buscarmos mecanismos que ligam a formação do sexo com o gênero de um indivíduo caímos, na verdade, numa tentativa de entender o sexo como algo não biológico e não necessário e de estabelecer a universalidade da opressão causada pela “escolha” de um sexo.

Butler acredita que o gênero, ao contrário do pensamento feminista no passado (1o onda), é fruto de mecanismos culturais que impõem o binarismo à performance dos indivíduos. Essa força impositiva se espalha para todos os aspectos da sociedade ocidental e que também impõe a heterossexualidade compulsiva, que pode ser vista em relacionamentos que fogem do próprio heteronormativismo como o fenômeno “butcher & femme” em relações lésbicas, que buscam espelhar padrões heterossexuais a fim de se encaixar, de alguma forma, nos padrões sociais (BUTLER, 2020, pg. 66)

Logo, segundo a autora, a formação do gênero em indivíduos do sexo feminino se torna algo como uma resposta ao sexo oposto. A mulher, nesse caso, é vista como tudo o que um homem não deve ser; enquanto o homem deve ser centrado, lógico e prático, a mulher seria um indivíduo emotivo, fraco e com pouco controle sobre si mesmo. Nesse mesmo contexto, existe a imposição da etnia branca acima da etnia negra.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo 4 - Comunicação de Interesse Público - do ENGECE, realizado de 25 a 27 de outubro de 2021.

Para Sílvia Almeida (ALMEIDA, 2020), o racismo é algo tão intrínseco à nossa sociedade que acaba por se incluir em todas as estruturas sociais a que estamos acostumados no nosso dia-a-dia, assim desenvolve-se a teoria do Racismo Estrutural. Para a médica e doutora em comunicação social, Jurema Werneck, as identidades das mulheres negras brasileiras resultam da articulação de heterogeneidades impostas pela dominação ocidental, num contexto histórico, como a necessidade do enfrentamento dos resquícios da escravidão eurocêntrica ao longo de séculos. Esse movimento identitário parece ter criado uma valorização da cultura africana pré-diaspórica ou seja: “A partir da década de 1970, (elementos culturais iorubás, como os orixás) retornaram como ideias - força organizativa das diferentes facções do movimento antirracista e, principalmente, o antirracismo feminista das mulheres negras e suas organizações” (WERNECK, 2010).

Também durante os anos 1970 no Brasil é possível verificar, empiricamente, o crescimento de diversos movimentos de valorização da cultura negra. A trajetória de vida da professora, filósofa e política Lélia Gonzalez se encontra com esse movimento. Nascida em Minas Gerais, em 1935, Lélia trabalhou como babá durante a infância e teve a oportunidade de estudar, pois seu irmão foi convidado a morar no Rio de Janeiro, levando toda a família consigo. Formada em 1964, foi uma das bases teóricas para esse aumento na valorização do negro na sociedade brasileira.

Mesmo com o crescimento de características físicas e culturais de povos africanos ou afrodescendentes e o aumento no orgulho de quem porta essas características, é possível perceber como a utilização dessas mesmas características pelo discurso padronizante branco cria problemas de aceitação, desde criança, para o sujeito preto. Aparecida de Jesus Ferreira, em seu livro “Letramento Racial Crítico” (FERREIRA, 2015), estuda como as características fenotípicas de populações negras têm sido naturalizadas como feias no imaginário e no palavreado popular. Baseada na teoria racial crítica, Ferreira pede para que diversos professores negros descrevam, em um texto de 500 a 2.500 palavras, como se deram conta que o racismo existe. É possível perceber nessas redações como o cabelo é um divisor de águas para a mulher negra. Desde a primeira infância, essas mulheres são levadas a acreditar que seus cabelos são feios naturalmente e que devem mudar para buscar aprovação social.

Assim, apoiados em Aparecida de Jesus Ferreira e em Michel Foucault, que nos

mostra que o discurso não é só uma forma de manifestação de desejos mas também uma forma de luta e seu domínio é um objetivo dessa luta e uma forma de dominação (FOUCAULT, 2014). O discurso se infiltra, então, no desenvolvimento de um indivíduo e pode até mesmo causar danos psicológicos a este. Em uma sociedade onde o discurso dominante e evidente desagrega e desvaloriza o negro e toda a sua cultura, podemos enxergar diversas consequências.

### **1.1. Pergunta Problema e Objetivos**

Ao iniciarmos essa pesquisa nos deparamos com o problema “Como a formação identitária de um indivíduo enquanto mulher, negra e as estruturas racistas da sociedade brasileira podem interferir na visão individual de cuidados físicos e psicológicos?”

Buscamos por meio dela entender a influência das estruturas da sociedade brasileira, criadas sobre o mito da “igualdade racial”, cunhado por Gilberto Freyre, na formação social de indivíduos negros e mais que isso entender como o fenômeno modifica a percepção pessoal das mulheres negras criadas dentro da sociedade racista e patriarcal brasileira sobre os próprios corpos e sobre os cuidados com sua saúde física e mental.

### **1.2 Justificativa**

O Brasil é um país em que os sistemas públicos são historicamente sucateados em detrimento da população com menor renda que necessita desses serviços para conseguir obter cuidados e tratamentos que são de praxe para as elites econômicas. Segundo o IBGE, em 2019, 69,8% da população era usuária de unidades públicas de saúde, instalações do Sistema Único de Saúde (SUS), cruzando esses dados com informações da cartilha de Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, de 2017, entendemos que os autodenominados negros (pretos ou pardos) representam 67% dos usuários do SUS.

Apenas 60% das mulheres brasileiras na faixa dos 50 aos 59 anos fazem exames de prevenção ao câncer de mama. Ao cruzarmos os dados demográficos percebemos que as taxas desses cuidados entre as mulheres pretas e pardas são as menores, 54,2% e 50,9%, respectivamente.

Com base na teoria do letramento racial crítico, é possível entender que esses números são efeitos do discurso racista e patriarcal a que as mulheres negras são expostas e

que faz com que essas mesmas mulheres não busquem cuidados por falta de autoestima e conhecimento.

## 2. METODOLOGIA

Os procedimentos da pesquisa foram direcionados para levantamento bibliográfico, com base nos descritores: mulheres negras, racismo, intersecção, afetividade, feminismo e saúde, aplicados na base de dados do Scielo.br, dos congressos da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) e livros sobre o tema, com o intuito de elaborar a discussão sobre mulheres negras, a afetividade e o autocuidado em saúde.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento bibliográfico foi possível constituir o seguinte quadro sinótico:

Termo	Conceito
Racismo Estrutural	O racismo é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. O racismo é sempre estrutural (ALMEIDA, p. 2, 2020)
Gênero	Difere-se do sexo, se construindo a partir do senso comum de identificação (BANDEIRA, p.2, 2014)
Letramento Racial Crítico	Análise narrativa autobiográfica de identidades sociais de raça e as narrativas das experiências com racismo e raça (FERREIRA, p. 17, 2015)
Negritude	Para além do conteúdo biológico, o conceito de negro tem um fundamento político e ideológico. Nos EUA qualquer pessoa descendente de negro pode apresentar-se como tal. No Brasil, trata-se de uma decisão política (MUNANGA, p.2, 2004)
Interseccionalidade	Um sistema de opressão interligado (AKOTIRENE, p. 21, 2020)
Solidão	Para além da definição etimológica do termo, é um estado de não representatividade, ausência de sororidade e opressões de gênero (PACHECO, p.28, 2013)
Afetividade	Diferentes experiências culturais entre e das mulheres, especialmente, ao ato de amar (PACHECO, p.29, 2013)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visível na bibliografia analisada, que os movimentos sociais de mulheres negras partem do combate a um lugar-comum quando se trata das questões de saúde, tanto em sua dimensão afetiva quanto física, pois estão, sem dúvidas, interligadas.

De fato, a formação identitária da mulher enquanto negra é tecida em meio a um emaranhado de forças sendo exercidas a fim de diminuir o indivíduo enquanto negro e também enquanto mulher. Contra isso, os movimentos de mulheres negras trabalham a partir de sua produção bibliográfica, a formação dessas mulheres enquanto indivíduos críticos sobre as condições e os poderes que são exercidos sobre seus seres, revelando as teias de sua opressão e impulsionando o seu empoderamento.

#### BIBLIOGRAFIA

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaia, 2020. 151 p. (Feminismos Plurais).

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaia, 2020. 255 p. (Feminismos Plurais).

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico de investigação**. Soc. estado. Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014

BRASIL. Ministério da Saúde (Org.). **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: Uma política do SUS**. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. 44 p. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_populacao\\_negra.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf). Acesso jun. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 287 p. (Sujeito e História).

CARVALHO, Rayssa Andrade e ROCHA, Solange Pereira Rocha. Movimento de mulheres negras e a luta pela afirmação dos direitos humanos no Brasil. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 2, n. 1, 2012.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira; LIMA, Renato Sergio de; NEME, Cristina; FERREIRA, Helder; ALVES, Paloma Palmieri; MARQUES, David; REIS, Milena; CYPRIANO, Otávio; SOBRAL, Isabela. **Atlas da Violência 2019**. 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 10 maio 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York/London: Routledge, 2000.

- CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento Racial Crítico: através de narrativas autobiográficas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. 201 p.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3a. ed. Artmed/Bookman. PO. 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Edições Loyola. São Paulo, , n. 2, p. 74. 2014
- OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 43, n. 122, p.939-948, set. 2019. FapUNIFESP.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. **Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde**. Lisboa: Direcção Geral da Saúde; 2004.
- OMS. Organização Mundial de Saúde (Org.). **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946**. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html> . Acesso jun. 2020.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra: afetividade e solidão** / Ana Cláudia Lemos Pacheco; [posfácio], Isabel Cristina Ferreira dos Reis. - Salvador :EDUFBA, 2013. 382 p. - (Coleção Temas Afro)
- PERAZZO, Priscila. **Narrativas Oraís de História de Vida**. 2015. 131 f. - Curso de Comunicação Social, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2014.
- RODRIGUES, C. S. & Prado, M. A. M. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, 2010, v.22, n. 3, p.445-456.
- SEBASTIÃO, Ana Angélica. FEMINISMO NEGRO E SUAS PRÁTICAS NO CAMPO DA CULTURA. **Revista da Abpn**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 64-77, mar. 2010. Trimestral. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/308/286>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- SILVA, Cylon Gonçalves da; MELO, Lúcia Carvalho Pinto de (Coord.). **Ciência, tecnologia e inovação: desafio para a sociedade brasileira – livro verde**. Brasília: MCT/Academia Brasileira de Ciências, 2001. 306 p.
- SOUZA, Fernando Luiz Monteiro de. **O Ativismo de Mulheres Negras e a Política de Promoção da Igualdade de Gênero e Raça em Santo André (SP)**/ Fernando Luiz Monteiro de Souza. São Paulo: Todas as Musas, 2017, 255p.
- WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe!: movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo. **Revista da Abpn**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 8-17, mar. 2010.

Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4962102/mod\\_resource/content/1/Nossos%20passos%20v%C3%AAm%20de%20longe%21%20Movimentos%20de%20mulheres%20negras%20e%20estrat%C3%A9gias%20pol%C3%ADticas%20contra%20o%20sexismo%20e%20o%20racismo%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4962102/mod_resource/content/1/Nossos%20passos%20v%C3%AAm%20de%20longe%21%20Movimentos%20de%20mulheres%20negras%20e%20estrat%C3%A9gias%20pol%C3%ADticas%20contra%20o%20sexismo%20e%20o%20racismo%20%281%29.pdf). Acesso em: 30 mar. 21.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo , v. 25, n. 3, p. 535-549, set. 2016 . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 14 jul. 2020.